

# Casas rurais mineiras e do nordeste paulista

Farm houses of Minas Gerais and the northeastern of São Paulo

VLADIMIR BENINCASA

Arquiteto e urbanista, pós-doutorando na EESC-USP

E-mail: vbenincasa@yahoo.com

## **RESUMO**

Trata da arquitetura das fazendas de gado abertas entre o final do século XVIII e meados do século XIX, na região compreendida entre os rios Moji-Guaçu e Grande, no nordeste paulista, cujo povoamento se deu ao longo do Caminho de Goiás por pessoas originárias das regiões auríferas e do sul de Minas Gerais. A região conserva muitas fazendas abertas então, cujas atividades originais estavam ligadas à pecuária extensiva de gado bovino, à criação de suínos e muares e à agricultura destinadas, principalmente, a suprir o Quadrilátero do Açúcar (região compreendida entre Campinas, Sorocaba, Itu e Moji-Mirim) e as regiões cafeeicultoras do Vale do Paraíba, e as tropas que passavam em direção às minas auríferas de Goiás e Cuiabá. Compara essa arquitetura “paulista” com a da região de origem de seus construtores em Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Arquitetura rural do século XVIII e XIX; Minas Gerais; São Paulo

## **ABSTRACT**

This paper investigates rural architecture in plantations farms, dated from the late eighteenth century and the mid-nineteenth century, in the northeast of São Paulo state, in a territory flanked by the rivers *Moji-Guaçu* and *Grande*, whose settlement process along the path of *Goiás* region links this region to the gold mining and southern *Minas Gerais* migratory flows. There are still some preserved farm facilities whose original activities were based on extensive cattle ranching, rearing of pigs in addition to milling and food production, primarily intended to serve the Sugar Belt (a territory that encloses *Campinas*, *Sorocaba*, *Itu* and *Moji-Mirim*) and the coffee-growing regions of the *Paraíba* Valley, besides provisioning troops passing towards the gold mines of *Goiás* and *Cuiabá*. Our goal is to compare this type of architecture understood as São Paulo's exemplars with samples produced in *Minas Gerais*, the origin place of its builders.

**Keywords:** Eighteenth and nineteenth century's rural architecture; Minas Gerais; São Paulo

O “ciclo do gado paulista”, importante episódio decorrente da ocupação do nordeste do Estado por migrantes mineiros, é pouco lembrado no estudo da arquitetura. Iniciado em fins dos setecentos, legou edificações que vem se perdendo frente aos avanços da lavoura canavieira e crescimento das cidades. Foram fazendas dedicadas à pecuária extensiva, à produção de laticínios, criação de muares, de suínos e cultivo do milho, abertas em sua maioria no início dos oitocentos que, devido à retração do mercado e altos impostos em Minas Gerais, avançaram em direção ao Rio de Janeiro e São Paulo. O Nordeste Paulista mostrava-se como uma boa opção para seu estabelecimento, pois além de grande quantidade de terras devolutas, estava à beira do Caminho de Goiás, com intenso tráfego de tropas, e população que crescente. (BACELLAR, 1999: 59) Nesse período, o enriquecimento do chamado Quadrilátero do Açúcar e os primeiros sucessos da cafeeicultura vale-paraibana, criavam um mercado consumidor importante, tornando muito atraentes as terras situadas entre Moji-Mirim e Franca.

O Caminho de Goiás partia de São Paulo, passando pelas atuais Jundiaí, Campinas, Moji-Mirim, Casa Branca, Batatais e Franca, adentrava o território mineiro, até Goiás e Cuiabá. Era cortado por várias outras estradas, que ligavam essa região à zona aurífera de Minas Gerais e ao Rio de Janeiro. [1]

Na porção paulista desse Caminho, se observa duas áreas distintas: uma de tradição paulista que, grosso modo, se estende até Moji-Mirim; e uma segunda de nítida influência mineira, ao norte. Embora esses limites sejam frágeis, pode-se afirmar que até Moji-Mirim, no âmbito da arquitetura prevaleceu a taipa de pilão; daí para frente, a taipa de mão. É interessante atentar ao legado de dois viajantes que o percorreram no início do século XIX: D’Alincourt (1818) e Burchell (1827).

Depois de São Paulo, a primeira vila era Jundiaí, onde, segundo D’Alincourt (1975: 47),

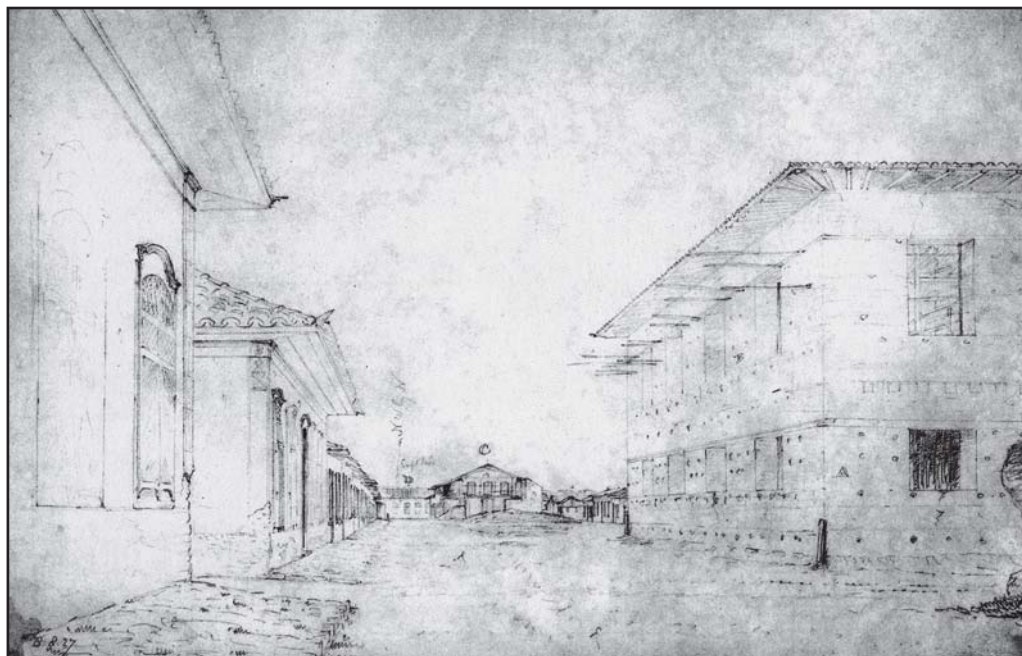
(...) todas as casas são de taipa e terras, à exceção de duas moradas, a maior parte delas são cobertas de telha vã, (...); à rua do meio segue-se a nova, e a esta a da Boa Vista, que é mais baixa, e a menos povoada

1 - Para maior aprofundamento sobre esse tema, ver BRIOSCHI, L. R., et alii. Entrantes no sertão do rio Pardo. São Paulo: CERU, 1991.

da; a qual tem grandes espaços tapados com muros de taipa, e outros inteiramente abertos.

A seguir, D'Alincourt (1975: 51-53) descreve Campinas: *casas são térreas, exceto uma propriedade; em geral de telha vã, e construídas de taipa*. Numa imagem de Burchell dessa cidade, aparece o Largo da Cadeia, tendo ao fundo a Igreja de Santa Cruz, onde se visualizam os cabodás [2] da taipa de pilão da cadeia em construção. [Ver Fig. 01] Seguindo pelo caminho, encontrava-se Moji-Mirim, onde a taipa de pilão convivia com a de mão:

2 - Cabodá – orifício existente nas paredes de taipa de pilão onde eram introduzidos parte dos andaimes para a sua execução.



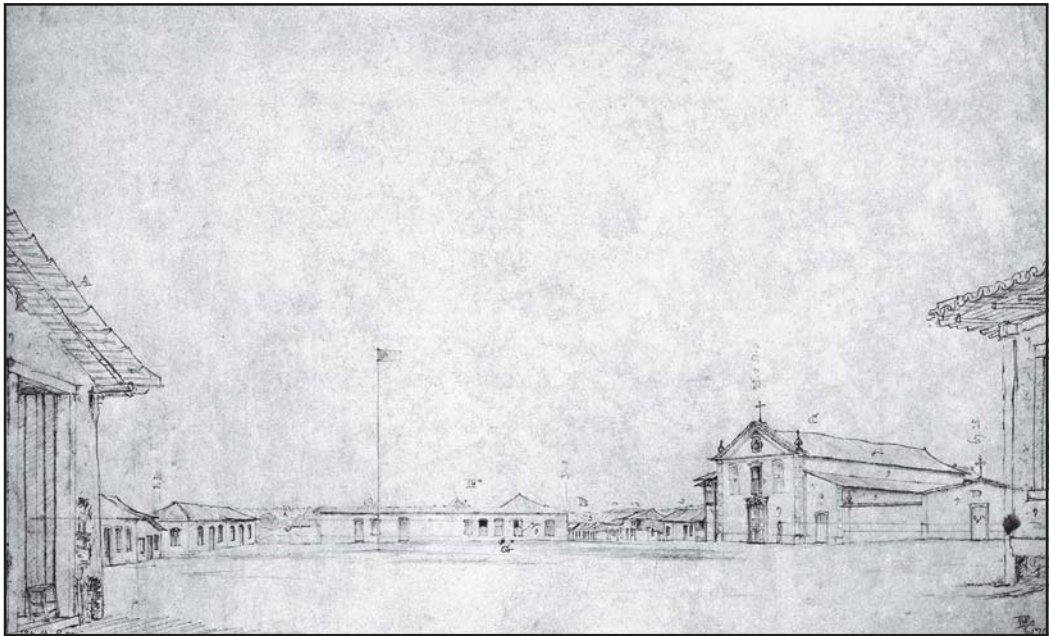
**Fig. 01** - Largo da Cadeia, Campinas, SP, segundo desenho de W. J. Burchell. Fonte: FERREZ, 1981:109.

*(...), geralmente as casas são pequenas, algumas de taipa, porém a maior parte construída de paus a prumo, ligados com ripas horizontais e os vãos cheios de barro; há somente duas moradas altas, a do Capitão Mor, e a da Câmara, com Cadeia, por baixo; (...).* (D'ALINCOURT, 1975: 59)

Confirmando a narrativa acima, a prancha de Burchell mostra um largo de Moji-Mirim, onde, à direita, há uma estrutura autônoma de madeira e pau a pique. [Ver Fig. 02] Rumo ao norte, D'Alincourt descre-

ve outros povoados, e aumentam as referências à técnica dos “paus a prumo” e os indícios da cultura mineira, como nas referências a Batatais e a Franca:

**Fig. 02 -**  
Moji-Mirim, SP,  
segundo  
desenho de W.  
J. Burchell.  
Fonte:  
FERREZ,  
1981:110.



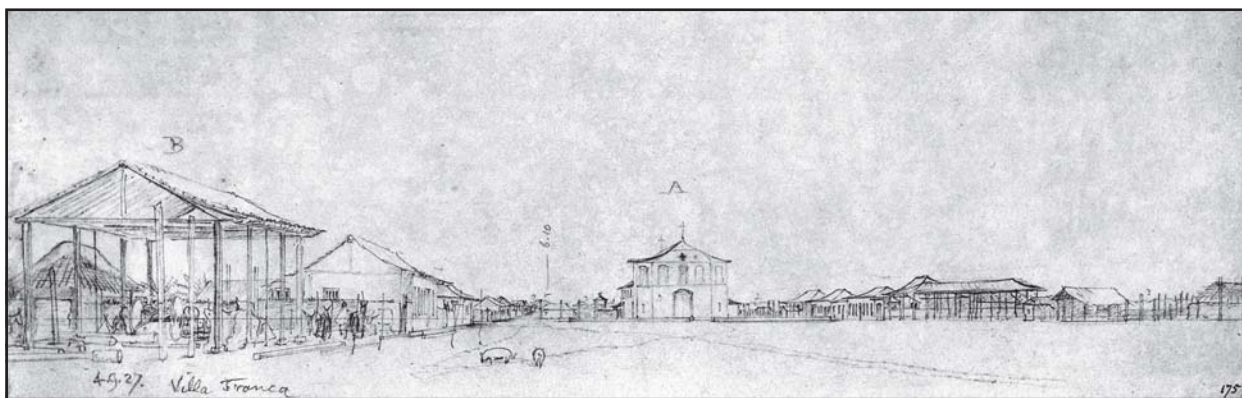
*Este lugar é muito alegre, seu dono Manoel Bernardo do Nascimento, ajudado de seus filhos, desenvolve a maior atividade na lavoura; faz-se muito bom negócio em gado vacum, e em queijos. Afastados do caminho há, nestas paragens, muitos vizinhos, mais, ou menos distantes uns dos outros, que possuem grande quantidade de gado. (D'ALINCOURT, 1975: 69)*

Deu-se a êste Arraial o nome de Franca, por virem a êle estabelecer-se tôda a qualidade de pessoas de diversos lugares; todavia a mor parte delas veio de Minas Gerais (...).

*Os habitantes dêste lugar são industriosos, e trabalhadores; fazem diversos tecidos de algodão; boas toalhas, colchas e cobertores; fabricam pano azul de lã muito sofrível; chapéus; alguma pólvora; e até já têm feito espingardas; a sua principal exportação consta de gado vacum, porcos, e algodão, que levam a Minas; plantam milho, feijão, e outros legumes para o consumo do país. (...) casas que são*

*construídas de pau a prumo, com travessões, e ripas, cheios os vãos de barro, e as paredes rebocadas com areia fina, misturada com bosta, geralmente são pequenas, e a maior parte delas cobertas de palha. (D'ALINCOURT, 1975: 70-71)*

Convém observar a prancha de Franca, de Burchell, onde se identifica a “gaiola” de madeira em várias edificações e os pousos tropeiros no largo da Matriz. [Ver Fig. 03] É importante destacar: até Moji-Mirim, aparecem citações à “taipa”, termo que se refere à técnica do barro socado a pilão, e a seguir, surge o termo “pau a prumo”, o pau-a-pique ou taipa de mão, e crescem as menções aos mineiros e às suas tradições.



**Fig. 03** - Arraial de Franca, SP, segundo desenho de W. J. Burchell. Fonte: FERREZ, 1981:113.

#### A ARQUITETURA E O COTIDIANO NAS FAZENDAS MINEIRAS DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO XIX

No tocante à arquitetura do período colonial, Minas foi bastante influenciada pelos portugueses, que acorreram àquelas paragens logo após a descoberta de ouro e pedras preciosas, mesmo sendo, inicialmente, povoada por paulistas. Deve-se considerar, ainda, que, enquanto o português se fixava a terra, lançando aí suas tradições, o paulista era quase um nômade, sempre buscando novas minas. (FREITAS, 1986: 12) Com isso, a arquitetura portuguesa se desenvolveu no meio urbano de Minas Gerais quase sem influências, principalmente no que concerne ao seu aspecto externo.

No meio rural, no entanto, a arquitetura portuguesa adaptou-se: conservou a “gaiola” de madeira e os vedos de pau-a-pique ou adobe, porém utilizou um programa mais prático que confortável, atendendo às necessidades locais.

Nos setecentos, a produção de alimentos e de animais (carga e montaria) era primordial à atividade mineradora. Destarte, surgiram muitas regiões especializadas no seu abastecimento, como a Comarca do Rio das Mortes, onde surgiram inúmeras fazendas, que foram, inclusive, grandes responsáveis pela manutenção da economia mineira após o esgotamento do ouro. (MARTINS, 1998: 24)

Fisicamente, a fazenda mineira, assim como as propriedades minhotas, era composta por várias edificações distribuídas ao redor de um pátio central (terreiro), comumente cercado por paliçadas ou muro de pedra seca. [3] Saint-Hilaire (1974: 46) descreveu a Fazenda do Ribeirão, em São João Del Rei, em 1822:

*As benfeitorias desta fazenda obedecem ao mesmo sistema de todas as outras desta comarca. Um muro de pedra seca, mais ou menos da altura de um homem, rodeia em parte um pátio muito vasto, no fundo do qual ficam enfileiradas, umas ao lado das outras, as casas dos negros, as pequenas construções que servem de depósitos e locais de beneficiamento dos produtos agrícolas, e a casa do dono.*

John Mawe, viajando por Minas (1809-10), descreve as fazendas Castro e Barro, com pátios murados à moda portuguesa, cercados por edificações como o casarão do proprietário, o alojamento dos escravos, moinhos de açúcar e de milho movidos por rodas hidráulicas horizontais, armazéns, oficinas de carpintaria e de ferreiro, entre outras, além de queijaria. (FREITAS, 1986: 36) O terreiro, além de organizar o espaço e a circulação, servia para armazenagem, secagem e benefício de cereais, e curral para o gado.

*O complexo agropecuário deve também ser visualizado pelo lado animado por pessoas e animais interagindo nele, no desempenho de variadas tarefas, na luta do dia-a-dia, produzindo e consumindo. Do preparo da*

3 - Pedra seca – alvenaria de pedra que dispensa argamassa, obtendo-se a estabilização das pedras pela sua intercalação com outras, menores. Os muros são de grande espessura (0,60 – 1,00) em relação a sua altura. Essa técnica é comum em muros divisórios de terrenos, pouco aparecendo nas habitações. As pedras são aplicadas in natura, sem qualquer aparelho (vide VASCONCELLOS, 1979: 17).

*terra ao plantio da roça, colheita e transporte no moroso carro de bois norteado pelo carreiro e seu candeeiro. Da movimentação dos engenhos e transformação da matéria-prima ao carregamento de tropas e jornada do tropeiro pelo caminho ora poeirento, ora cheio de lama; a ordenha e a transformação do leite; a chegada e saída do boiadeiro; até mesmo no âmbito doméstico, nas lidas da casa, o vai-e-vem de escravas e de moleques; a preparação de produtos destinados à alimentação: doces, biscoitos, carnes; das refeições triviais diárias às variadas iguarias dos dias de festa; e mais fabricação de sabão, fiação de algodão e de lã para tecelagem rústica e confecção de roupas. Os cuidados com as crianças; a chegada de hóspede e o convívio no meio familiar.* (MARTINS, 1998: 37)

Certamente, as dificuldades de transporte naqueles tempos obrigavam às fazendas a suprir boa parte do indispensável ao seu cotidiano. Produzia-se praticamente toda a alimentação dos seus moradores, tecidos rústicos de lã e algodão, velas, azeites para os candeeiros... E, para todas estas atividades, houve instalações e equipamentos específicos. Todos eles com funções definidas e complementares, compondo uma só unidade produtiva que destinava seus produtos tanto para o mercado como para o auto-sustento.

### A CASA RURAL MINEIRA NOS SÉCULOS XVIII E XIX

A proximidade da água foi fundamental para a implantação das fazendas mineiras dos séculos XVIII e XIX, além da *qualidade da terra, topografia, insolação e presença de caminhos*, que garantiam acessos e escoamento da produção. (CRUZ, 2010: 54) A água era importante para consumo, preparo dos alimentos e mineração; era força motriz de monjolos, moinhos, engenhos; trazida em canais, que a desviavam do leito natural, irrigava hortas e pomares, abastecia cozinha e, depois de utilizada, ainda servia de esgoto, ao passar pelas sentinas.

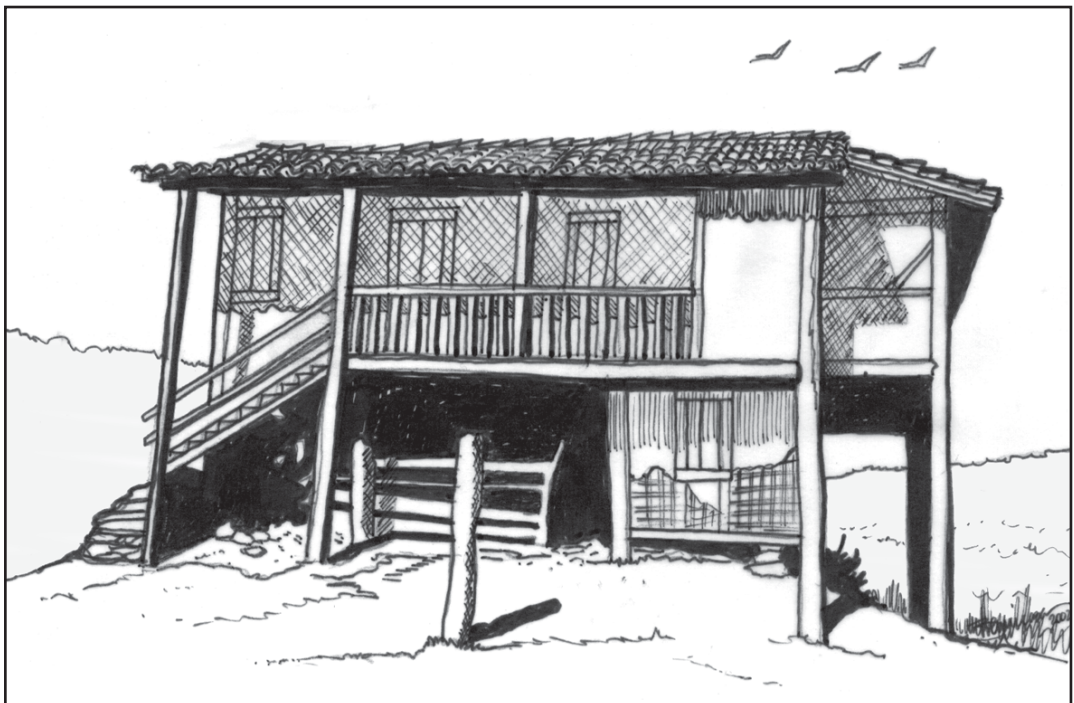
Outra possível influência na localização da casa rural mineira, haja vista se encontrar muitas nessa posição, foi a orientação com relação ao posicionamento do sol: a frente da casa, em geral, está voltada para o norte, noroeste ou nordeste, ou ao menos na face do vale mais banhada pelo sol, de

modo que o alpendre fronteiro fosse ensolarado no inverno e poupado no verão. Os mineiros obtinham, assim, bom proveito da iluminação diurna e do calor nos dias de inverno.

Quanto à técnica construtiva, a estrutura autônoma de madeira, aperfeiçoada durante a reconstrução pós-terremoto de Lisboa (segunda metade do século XVIII), se adaptou perfeitamente ao movimentado relevo mineiro.

Para o preenchimento destas “gaiolas”, os mineiros utilizaram a taipa de mão e o adobe, em paredes não estruturais, que se erguiam sobre vigas baldrames de madeira, e apoiavam-se em pés direitos ou esteios (de pedra ou madeira); estes, por sua vez, recebiam os esforços do telhado através dos frechais. As paredes do porão, abaixo das vigas-baldrames, em geral eram de pedra, podendo também ser totalmente abertos ou fechados parcialmente com taipa de mão ou tábuas. Delimitavam, assim, esse espaço abaixo das casas que eram utilizados para as mais diversas funções: depósitos, abrigo de animais etc. [Ver Fig. 04]

A “gaiola” possibilitava grande liberdade de expressão, principalmente no século XVIII, quando as casas eram mais orgânicas, crescendo e diminuindo conforme a necessidade. Esteios, pés direitos, baldrames e frechais aparentes



**Fig. 04** - Fazenda São Nicolau, Nova Era, MG. Desenho do autor.



compunham um interessante efeito plástico na fachada; sem mencionar a imensa possibilidade de se trabalhar as aberturas - portas e janelas - nas mais diferentes formas e quantidade: os vãos restantes seriam preenchidos com pau-a-pique ou adobe, compondo as paredes. Essa maleabilidade, de certa forma, seria perdida no século XIX, quando a planta em “L”, com a incorporação definitiva do anexo de serviços, se imporia no gosto mineiro, difundindo-se por São Paulo e Rio de Janeiro.

O piso dos porões comumente era de terra batida, misturada com sangue de boi, para a obtenção de uma melhor liga; no entanto, também há os revestidos de pedras ou de ladrilhos de barro, dependendo do seu uso.

Acomodada ao terreno, sem necessidade de grandes cortes, a casa rural mineira apoiava-se parcialmente no solo, o que lhe dava em parte um aspecto térreo, em outro, assobradado. O acesso poderia dar-se tanto por um lado como pelo outro. No caso do assobradado, entra-se por escada externa, situada perpendicular ou paralelamente a essa face, o que favorecia o controle. Caso essa elevação fosse a principal, a escada ganhava desenho elaborado, podendo ser em madeira ou pedra, com guarda-corpos em variados formatos e desenhos; levando diretamente a porta de entrada, ou acessando alpendre ou varanda entalada: essas três soluções são encontradas por todas as regiões de Minas, cada tipo predominando numa região. Por exemplo, as varandas e os alpendres, em suas mais variadas formas, aparecem nos Campos das Vertentes (século XVIII) e na Região de Ouro (séculos XVIII e XIX). Já nas casas do Sul de Minas, eles são elementos incomuns, geralmente acréscimos posteriores. (CRUZ, 2010:46-47)

O alpendre é, talvez, um dos elementos mais característicos da arquitetura rural mineira - espaço de recepção, de estar e de vigilância, representava na casa mineira limite físico, transição entre áreas social e íntima. As varandas e os alpendres representavam um importante elemento de composição de fachada, suavizando a volumetria compacta. Na parte traseira, quando existiam, eram espaços femininos, da fazendeira: *de onde ela controlava a horta e o pomar*. (FREITAS, 1986: 45) Foi comum a existência de cômodos ao lado da varanda ou alpendre entalada, muitas vezes sem comunicação com o interior da casa, tendo como usos frequentes ou quarto de hóspedes ou capela. [Ver Figs. 05 a 09]



*Fig. 05* - Fazenda São Miguel, Ritópolis, MG. Foto do autor.



*Fig. 06* - Fazenda Nossa Senhora da Conceição das Corvinas, Barra Longa, MG. Foto do autor.



*Fig. 07* - Fazenda São José do Manso, Ouro Preto, MG. Foto do autor.



*Fig. 08* - Fazenda Santa Cruz, Mariana, MG. Foto do autor.



**Fig. 09** - Fazenda Mato Dentro, Ritópolis, MG. Fonte: MARTINS, 1998.

Saint-Hilaire (1975: 96) descreve uma situação que define sua utilização no interior mineiro:

*A gente abastada tem o cuidado de reservar na frente da sua casa uma galeria ou varanda, formada pelo teto que se prolonga até as paredes, e é sustentado por colunas de madeira. Fica-se nessas galerias e em todas as estações aí se respira um ar fresco, igualmente ao abrigo da chuva e do ardor solar. O interior das casas, reservado às mulheres, é um santuário em que o estranho nunca penetra, e pessoas que me demonstravam a maior confiança jamais permitiam que meu criado entrasse na cozinha para secar o papel necessário à conservação de minhas plantas; era obrigado a acender o fogo fora, nas senzalas ou em algum alpendre.*

Adentrando a casa, estava a sala, a qual somente íntimos da família ou pessoas ilustres tinham acesso. A zona de estar da casa rural mineira completava-se com a sala principal, o maior cômodo da casa, em que eram feitas as refeições, onde ocorriam as conversas, findo o jantar, e as mulheres fiavam e teciam: era o espaço de reunião familiar por excelência. Seu

mobiliário, como de resto, era simples: mesa, bancos, poucas cadeiras e tamboretas com assento de couro e alguns cabides justapostos à estrutura da edificação para chapéus, capas, etc. (SAINT-HILAIRE, 1974: 46)

Contrastando com o mobiliário, havia os talheres de prata, principalmente nas casas mais abastadas, além das ocasionais peças de boa louça ou mesmo porcelana da Índia - no entanto, em inventários *post-mortem* do final do século XVIII e início do XIX, da região dos Campos das Vertentes, o que mais aparecem são os pratos de estanho.

Segundo Saint-Hilaire, o interior das casas de fazendas mineiras era simples e austero, tendo o mínimo necessário para o cotidiano, principalmente se comparadas aos das casas europeias:

*(...) oferecem, em regra, poucas comodidades e não possuem, (...), nenhum ornato sobre a brancura das paredes. Como custaria muito dinheiro mandar vir vidraças em lombo de burro desde o litoral até o interior, deixam-se as janelas completamente abertas durante o dia e à noite fecham-se com aldrabas. Não se conhecem nas casas de fazendeiros nenhum desses móveis que acumulamos em nossos aposentos, guardam-se as roupas nas malas, ou, antes, dependuram-se em cordas, a fim de preservá-las da umidade e dos insetos. As cadeiras são raras, e as pessoas se sentam em bancos, tamboretas de madeira e escabelos. Nas casas dos ricos, os leitos são os móveis que merecem mais cuidados, as cortinas e as colchas são muitas vezes de damasco, e os lençóis de um tecido de algodão muito fino, têm guarnições de renda. Quanto ao colchão, compõe-se simplesmente de um fardo de palha de milho desfiada; mas, em país tão quente, dormir-se-ia pior sobre lã ou penas. (SAINT-HILAIRE, 1975: 96)*

Nas casas mais pobres, as camas cediam lugar ao jirau de quatro paus fincados no chão, e, sobre eles, outros dois paus colocados horizontalmente, entre os quais, esteiras ou couro faziam o papel do colchão. Completavam os dormitórios o urinol ou o banco com furo no assento, para as necessidades pessoais. (FREITAS, 1986: 49) [*Ver Figs. 10 a 12*]



**Fig. 10** - Ausência de alpendre, Fazenda Capão Seco, Lagoa Dourada, MG. Fonte: MARTINS, 1998.



**Fig. 11** -  
Catre de casa rural  
mineira do século  
XVIII. Acervo Casa  
dos Inconfidentes,  
Ouro Preto, MG.  
Foto do autor.



**Fig. 12** - Cama mineira do século XVIII. Acervo Casa dos Inconfidentes, Ouro Preto, MG. Foto do autor.

Nos trechos seguintes, o mesmo viajante nos fala sobre outras casas rurais, da fazenda Santa Quitéria, perto de Santa Bárbara, e da Itanguá, entre Penha e Itanguá:

*Os cômodos da habitação, não têm nenhuma pintura, mas os apainelados, os portais e as próprias portas são pintados à imitação de mármore; os tetos, feitos de tábuas, são igualmente pintados, mas de modo grosseiro, e representam grandes figuras e arabescos. (SAINT-HILAIRE, 1975: 98)*

*Suas construções, que estavam caiadas de fresco, são dispostas com regularidade em torno de um grande pátio que forma um quadrilátero alongado, e no meio do qual, segundo uso do país, se plantou enorme*



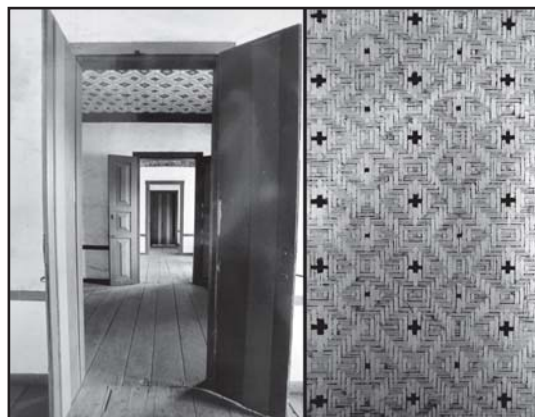
**Fig. 13** - Cama com dossel, século XVIII. Acervo Casa dos Inconfidentes, Ouro Preto, MG. Foto do autor.



**Fig. 14** - Forro de gamela, casa da Fazenda São Miguel, Ritópolis, MG. Foto do autor.



**Fig. 15** - Forro de gamela, casa da Fazenda da Posse, Santana dos Montes, MG. Acervo IEPHA-MG.



**Fig. 16** - Forro de esteira, casa da Fazenda Boa Esperança, Belo Vale, MG. Fonte: MARTINS, 2007.



*cruz. A casa reservada ao proprietário é vasta, e de acordo com o costume, só o andar superior é ocupado por ele e sua família. Após subir a escada, chega-se a uma grande peça cujas paredes são pintadas, como é costume nas casas ricas, e o teto, feito também de tábuas pintadas, eleva-se em abóbada, o que se vê geralmente, também, nas casas cujos proprietários gozam de certa abastança. (SAINT-HILAIRE, 1975: 198)*

O forro dessas casas variou bastante: por vezes, era de tabuado corrido, em outras de esteiras de taquara. Os forros de esteira eram trançados formando desenhos simples ou mais complexos. Eram esticados sobre barrotes e acabados com molduras junto à parede. (FREITAS, 1986: 47) São mais encontrados nas dependências de serviço dessas casas. Recebiam, como proteção extra, uma camada de caiação branca, ou tingiam-se as taquaras de antemão e com elas compunham-se mosaicos geométricos e coloridos. [Ver Figs. 13 a 15]

O tabuado corrido era o mais usado nos demais aposentos, no século XVIII, a partir da segunda metade do XIX, adotou-se o forro do tipo saia e camisa. Também foi comum o uso do guarda-pó nos beirais, feito com tabuado corrido simples, ainda no século XVIII. [Ver Fig. 16]

Na parte social e íntima, o piso invariavelmente era formado pelo tabuado corrido de madeira, assentado sobre barrotes dispostos ao longo do baldrame. Essas tábuas possuíam algo em torno de 20 a 40 centímetros de largura por cerca de três centímetros de espessura. Até o século XVIII, usava-se madeira de muito boa qualidade para este fim: jacarandá, canela parda ou preta, jatobá, entre outras; a partir do século XIX, reduziu-se a largura das tábuas, passando a ser empregadas, mais comumente, as de pinho de Riga, de ipê, de peroba do campo e, até mesmo, de jequitibá rosa e de pinho nacional. (VASCONCELLOS, 1979: 60)

Nos fundos da habitação, estava a ala de serviços, composta por cozinha, cozinha suja e a despensa. A cozinha possuía, ao centro, o fogão a lenha, sem chaminé, e uma trempe de pedras ou alvenaria. Quando o fogão era encostado à parede, abria-se um buraco para tiragem do fumo. (RODRIGUES, 1975: 300) Nos fogões se preparava a alimentação de cozimento mais rápido; na trempe, em grandes tachos, se faziam doces e

alimentos de cozimento mais demorado, além do sabão. Junto à cozinha, outro cômodo abrigava o forno de barro, que podia estar protegido apenas por uma cobertura, e até mesmo solto no quintal. Ocorria, também, a solução da cozinha num puxado, ao fundo da edificação.

Na área de serviço, tanto o piso de terra batida como os ladrilhos de barro ou pedras foram muito utilizados, às vezes, conjuntamente, isto é, enquanto na cozinha e despensa se revestia o piso com os ladrilhos ou pedras, no quarto do forno eram de terra batida, por exemplo. Isto variou de fazenda para fazenda, mas o que se nota é o menor cuidado com tais dependências, local de serviços e da mulher, não destinados à presença ou visitação de estranhos, logo, desnecessários maiores cuidados.

Nas proximidades, havia, geralmente, um rego d'água, ou mesmo água encanada, trazida de alguma mina através de bambus abertos ao meio ou de alcatruzes de pedra-sabão. E, também, os jardins com suas hortas e pomares.

*(...). Os jardins, sempre situados por trás das casas, são para as mulheres uma fraca compensação de seu cativo, e como as cozinhas, são escrupulosamente interditados aos estrangeiros. (SAINT-HILAIRE, 1975: 96)*

No entanto, esse viajante teve a oportunidade de conhecer o jardim da fazenda Itajuru. É interessante observar a descrição que ele faz:

*Esse jardim é cortado por um regato límpido, que não somente é de grande utilidade para a rega, mas cujas águas, desviadas por muitos pequenos regatos, servem para garantir da depredação das grandes formigas parte dos canteiros em que se plantam as flores e legumes. Encontramos no jardim do Sr. Gomes laranjeiras, alguns pessegueiros, uma parreira, e figueiras carregadas de frutos muito melhores que todos os dessa espécie que comi em França. As flores eram as que ornaram nossos canteiros, cravos, esporas, escabiosas, mal-me-queres, dianthus barbatus, silene armerias, alecrins e basiliscos. Quanto aos legumes, não vimos senão couves e abóboras. (SAINT-HILAIRE, 1975: 97-98)*



**Fig. 17** - Detalhe de guarda-pó, casa da Fazenda São Miguel, Ritópolis, MG. Foto do autor.



**Fig. 18** -  
Cruzeiro da  
Fazenda  
São Miguel,  
Ritópolis, MG.  
Foto do autor.



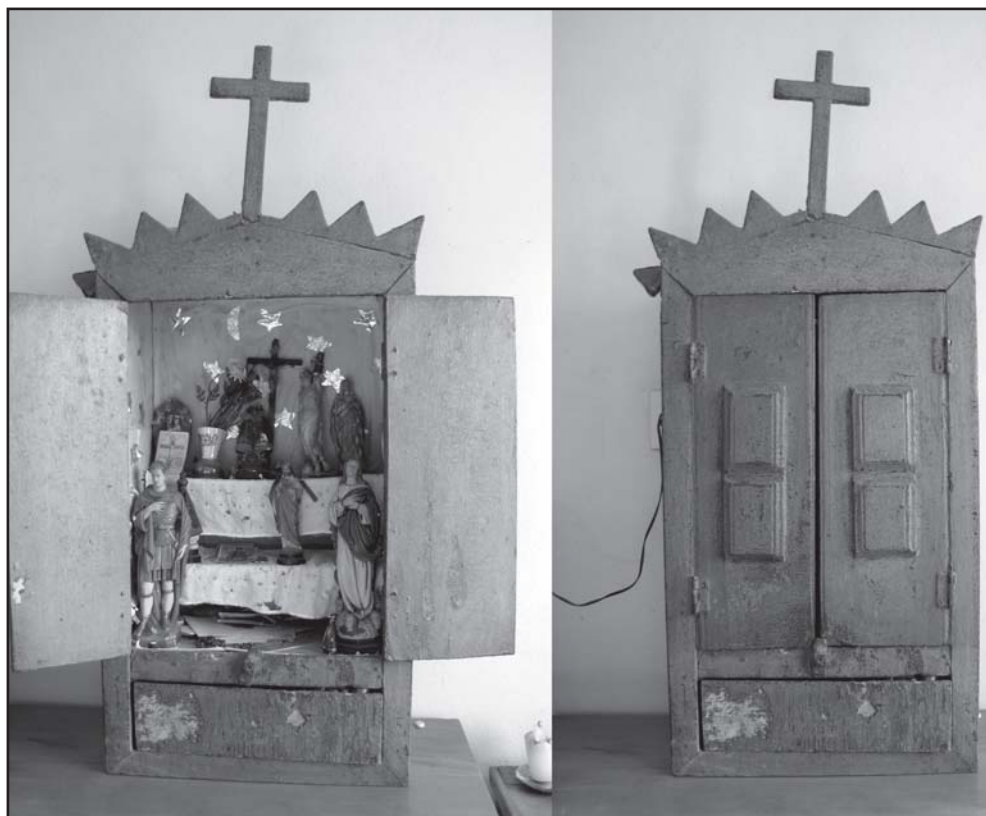
**Fig. 19 -** Capela situada junto à varanda, Fazenda Nossa Senhora da Conceição das Corvinas, Barra Longa, MG. Foto do autor.



**Fig. 20 -** Capela interna, situada junto à sala de entrada. Fazenda Campo Alegre, Mariana, MG. Foto do autor.



**Fig. 21** - Capela interna, junto à sala de entrada. Fazenda Capão Seco, Lagoa Dourada, MG. Foto do autor.



**Fig. 22** - Pequeno oratório, século XIX. Fazenda Brumado, Cel. Xavier Chaves, MG. Foto do autor.

Ali, a mulher cultivava parte do alimento doméstico, frutas, ervas medicinais e flores, que alegravam os austeros casarões e enfeitavam os altares dos santos de devoção.

Aliás, o espaço religioso é outro aspecto relevante nas fazendas mineiras, com várias conformações: o cruzeiro de madeira fronteiro a casa; as capelas internas ou externas; os “quartos dos santos”. [Ver Figs. 17 a 22]

As capelas internas, também chamadas de ermidas, ficavam situadas junto à varanda ou alpendre fronteiro, ou, quando mais adentro, junto à sala de receber. Essas capelas eram decoradas com certo apuro: tendo paredes e teto pintados; altar dourado encimado por imagens e castiçais. Já as capelas externas foram raras, e são quase todas do século XIX. Por vezes, chegavam a ter um capelão próprio e pia batismal, para atendimento da população das redondezas da fazenda. (FREITAS, 1986: 52)



**Fig. 23** - Telhados. Fazenda Capão Seco, Lagoa Dourada, MG. Foto do autor.

Quando não havia capelas, destinava-se um cômodo para orações apenas da família, o chamado “quarto dos santos”, com oratório e imagens. Aí não havia celebrações de missa: *No ‘quarto dos santos’, a prática religiosa era íntima.* (FREITAS, 1986: 53)

A cobertura do corpo principal da casa rural mineira era feita em quatro águas simples, com telhas de barro do tipo capa e canal; prolongava-se uma das águas para cobertura das varandas ou puxava-se telhado

independente para o alpendre. Já a da área de serviços, geralmente com pé direito inferior ao corpo principal, se fazia com um puxado de uma só água. Caso fosse muito grande em comprimento e estivesse em posição perpendicular àquele corpo principal, a cobertura se faria com duas ou três águas. Nas casas com planta em “L” também ocorreu o uso do telhado da área de serviços acoplado ao corpo principal, então se recorrendo aos rincões. No geral, a cobertura da arquitetura rural mineira foi simples, pouco se valendo de maiores movimentações. [Ver Fig. 23]

A arquitetura rural mineira, com suas paredes vazadas, sua estrutura aparente marcando o ritmo, etc., privilegiou a funcionalidade e a resolução dos problemas do complexo e rude cotidiano, extraindo de formas simples, a sua beleza.



**Fig. 24** - Sistema de gaiolas de madeiras, casa da Fazenda Nova, Mococa, SP. Foto do autor.



**Fig. 25** - Estrutura de madeira na casa da Fazenda São José, Nuporanga, SP. Foto do autor.

Com o fim do ciclo minerador, nas últimas décadas do século XVIII, milhares de mineiros, vindos principalmente da Comarca do Rio das Mortes, se dirigiram ao Nordeste Paulista, onde fundariam cidades como Franca, Caconde, Mococa, Batatais, Cajuru, entre outras, deixando, desde o início do século XIX, uma forte contribuição à incipiente cultura dessa região.

#### A ARQUITETURA “MINEIRA” DO NORDESTE PAULISTA

Nos antigos Sertões do Rio Pardo, podemos notar que as edificações daquelas fazendas abertas por mineiros mantêm a técnica da taipa de mão, com estrutura em gaiolas de madeira e vãos preenchidos por trama de madeira e barro ou adobes. No geral, mantinham-se em São Paulo, as tradicionais técnicas construtivas de Minas Gerais, e implantava-se um modo de vida típico, muito diferente dos costumes paulistas do início dos oitocentos. *[Ver Figs. 24 e 25]*



**Fig. 26** - Paiol e curral, Fazenda Invernada, Morro Agudo, SP. Foto do autor.





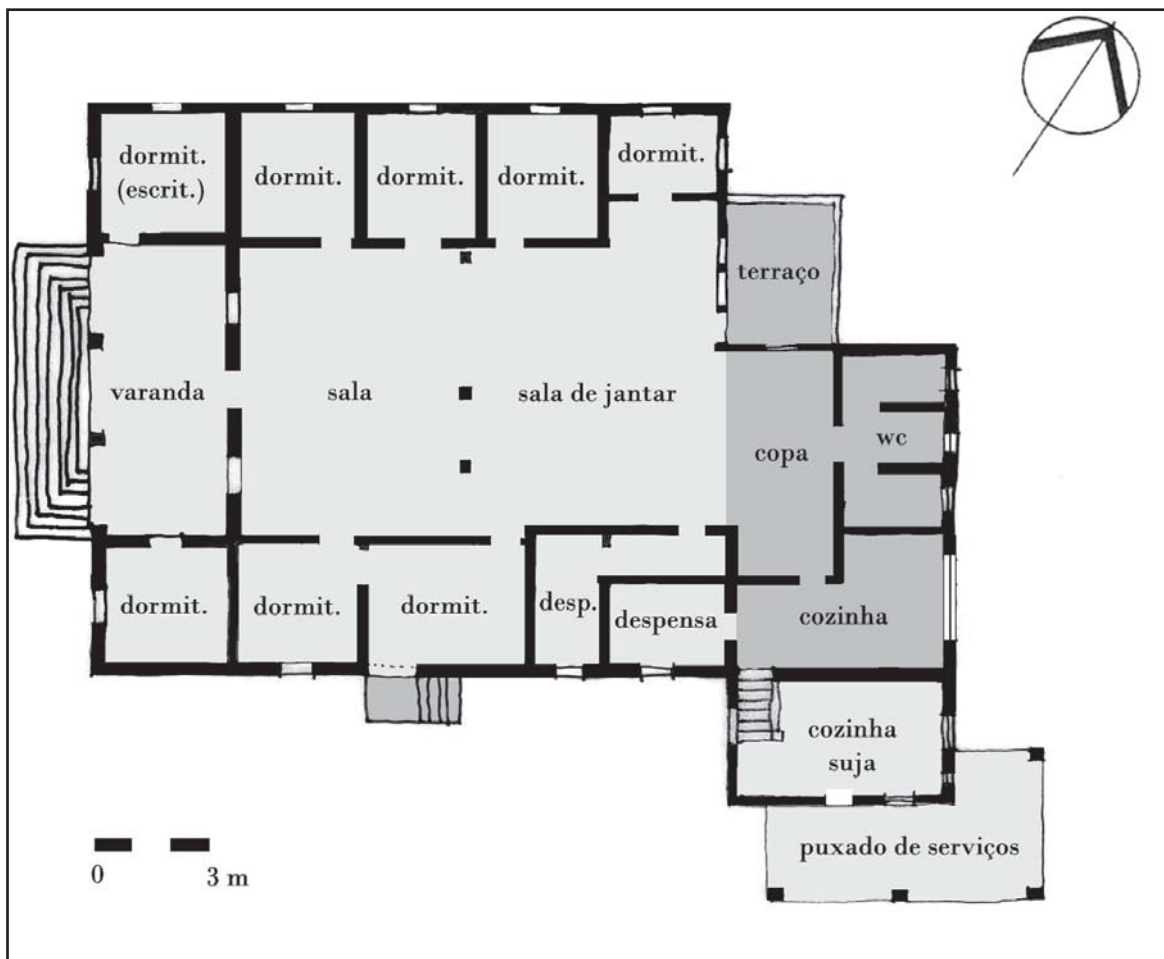
**Fig. 27 -**  
Cocheira,  
Fazenda Cachoeira,  
Casa Branca, SP.  
Foto do autor.



**Fig. 28 -**  
Cocheiras,  
Fazenda Nova,  
Mococa, SP.  
Foto do autor.

A madeira utilizada era retirada das matas locais, verificando-se um intenso uso da peroba e, principalmente, da aroeira, cujas lascas externas, retiradas no aparelhamento das toras, eram aproveitadas para a confecção de cercados, se tornou uma característica regional. Essas cercas de lascas de aroeira não são comuns em Minas, onde aparecem com mais frequência os muros divisórios de pedra seca. Entende-se a substituição dessa técnica pela abundância de madeira e pela falta de pedras, cujo afloramento não era tão comum como no território mineiro, sendo seu uso mais parcimonioso e restrito.

O embasamento das edificações é majoritariamente feito em pedra, sendo as mais comuns o basalto (ou pedra ferro, como era chamada na região) e a tapiocanga, uma espécie de rocha porosa, também rica em óxido de ferro.





**Fig. 29a -**  
Fachada  
da casa da  
Fazenda Cachoeira,  
Casa Branca, SP.  
Foto do autor.



**Fig. 29b -**  
Face lateral  
da casa da  
Fazenda Cachoeira,  
Casa Branca, SP.  
Foto do autor.



**Fig. 30 -**  
Planta da casa  
da Fazenda Vera Cruz,  
Casa Branca, SP.  
Desenho do autor.



**Fig. 30a -** Face lateral da casa da Fazenda Vera Cruz, Casa Branca, SP. Foto do autor.

**Fig. 31 -**  
Planta da casa  
da Fazenda São  
Gilberto (antiga  
Fazenda Santa  
Bárbara), Sales  
Oliveira, SP.  
Desenho do M.  
Rosada.



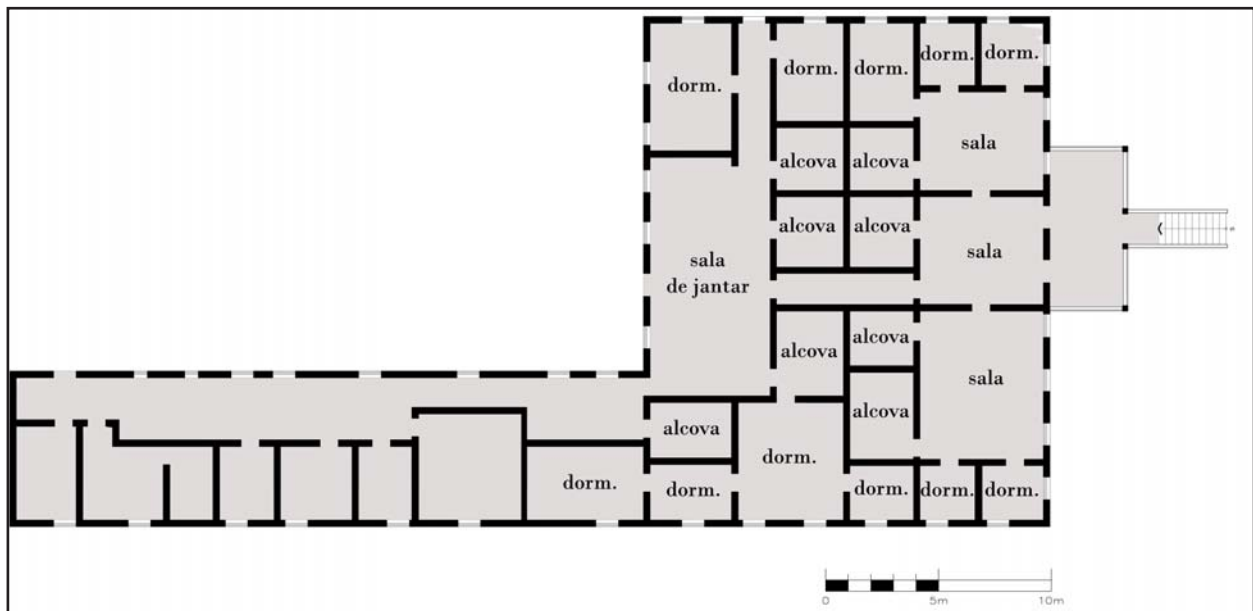
**Fig. 31a -** Fachada da casa da Fazenda São Gilberto (antiga Fazenda Santa Bárbara), Sales Oliveira, SP. Foto do autor.



**Fig. 32** - Planta da casa da Fazenda Santa Cruz, Nuporanga, SP. Desenho do autor.



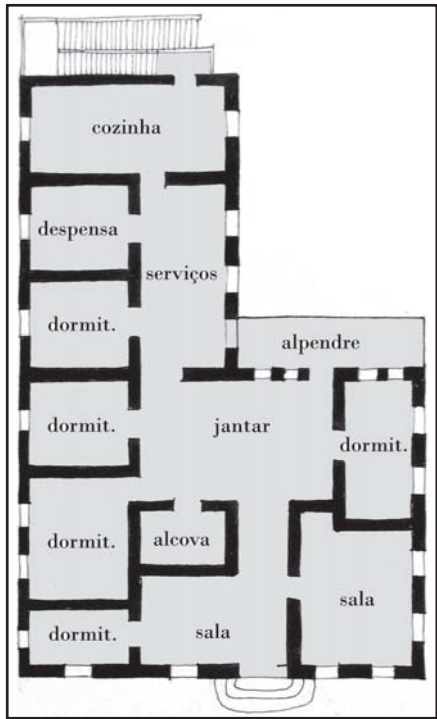
**Fig. 32a** - Lateral da casa da Fazenda Santa Cruz, Nuporanga, SP. Foto do autor.



De madeira e pedra se construíram os casarões, os estábulos, os ranchos para os tropeiros, os paióis etc. [Ver Figs. 26 a 28] Eram fazendas rústicas, adaptadas a um padrão de vida igualmente duro. E essa tipologia arquitetônica legada pelos mineiros acabou permanecendo e sendo muito utilizada até praticamente a década de 1880, quando chega, na região, o ecletismo arquitetônico, com o uso preferencial do tijolo de barro cozido.

As casas são simples, sem ornamentações, com plantas ortogonais, percebendo-se facilmente a solução dos vários níveis de acessibilidade: cômodos fronteiros destinados à área social; cômodos intermédios, destinados ao convívio mais íntimo; e área de serviços aos fundos. Os casarões mais antigos, construídos por volta de 1840, apresentam planta típica mineira, quase retangular. Em geral, as dependências de serviços são acréscimos posteriores. [Ver Figs. 29 a 33] A disposição dos cômodos é ligeiramente orgânica, não havendo uma ordem muito definida ou racional. Excetuando-se talvez o casarão da fazenda Cachoeira, de Casa Branca, onde surge a varanda entalada, e na Esmeril, de Patrocínio Paulista, nas demais, todos os alpendres são acréscimos posteriores, ou seja, filiam-se ao partido do Sul de Minas, de onde provém a maioria dos “entrantes”.

Nos casarões mais recentes, ocorre a planta em “L”. [Ver Figs. 34 e 34a] São aqueles construídos a partir de meados do século XIX, onde se



**Fig. 34** - Planta da casa da Fazenda Fortaleza, Mococa, SP. Acervo da Fazenda.



**Fig. 34a** - Fachada da casa da Fazenda Fortaleza, Mococa, SP. Foto do autor.

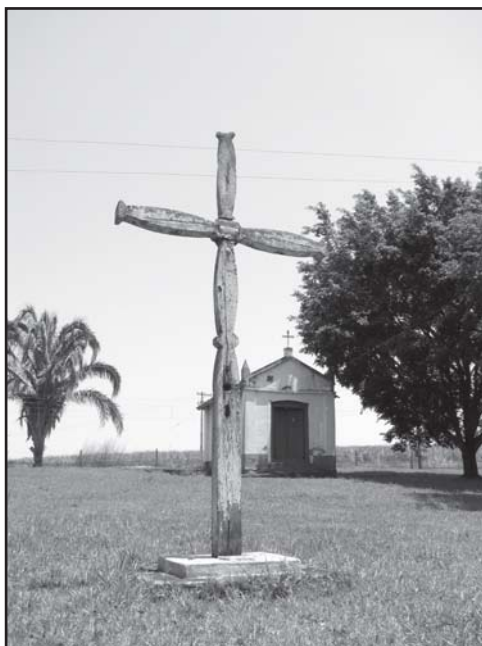
pode observar a planta tradicional mineira da casa rural daquele século, em que as dependências de serviço se integram às demais áreas do casarão, com uma distribuição mais geometrizada dos cômodos e paredes contínuas: o tamanho de um cômodo depende dos compartimentos vizinhos. Também começam a surgir vedos de tijolos, e não mais de pau-a-pique ou de adobe.

Os vãos, em geral, apresentam vergas retas, embora apareçam com certa frequência as de meia canga, principalmente nas mais antigas. Elementos como guarda-pó junto aos beirais, cachorros em peito de pomba, forro de esteira, vergas em meia canga - ou mesmo detalhes arquitetônicos mais específicos, como alguns tipos de recortes de madeira para encaixes das peças - também estão presentes na arquitetura rural do Nordeste Paulista, denunciando a matriz mineira. E, em muitos desses casarões, está presente a capela, externa ou interna, marca da forte religiosidade mineira, e o cruzeiro de madeira, situado num pátio ou numa elevação, à frente do conjunto. [Ver Figs. 35 e 36]





**Fig. 35** - Capela interna da casa da Fazenda Boa Vista, Mococa, SP. Foto do autor.



**Fig. 36** - Cruzeiro e capela externa, Fazenda Cachoeira, Casa Branca, SP. Foto do autor.

#### DOS INVENTÁRIOS...

Da análise de inventários *post-mortem* de fazendeiros de Batatais, Casa Branca, Cajuru, Franca e Mococa - da primeira metade do século XIX - se conclui que as fazendas dessa região se dedicavam essencialmente à criação de gado bovino, porcos, cavalos e burros. Havia também ovelhas, que, a julgar pela onipresença de teares e rodas de fiar, destinavam-se principalmente à produção de lã para tecelagem. Praticava-se a agricultura - milho e cana-de-açúcar, porém, não era a principal atividade da fazenda - o número de ferramentas agrícolas (foices, enxadas) era reduzido. Prestavam-se ao sustento da própria fazenda - é de se salientar o grande número de engenhos com seus alambiques e as garrafas e *botelhas* para acondicionar aguardente.

A constante menção a ferramentas de oficiais como carpinteiros, sapateiros, seleiros, pedreiros, ferrageiros, entre outros, nestes inventários mostra que havia muitas atividades na fazenda, além da criação de gado e da agricultura. Também se observa que o transporte das cargas dependia exclusivamente dos carros puxados por juntas de bois da raça caracu. [4]

*4 - A raça caracu resulta da mescla de gados de origem ibérica, durante a colonização brasileira, adaptando-se perfeitamente ao clima quente e à vida nos sertões brasileiros. Suas características principais são robustez e força, além de ser grande produtora de carne e leite com alto teor de gordura. Ou seja, ela foi um dos principais aliados na conquista e na fixação do português no interior brasileiro.*

A vida nessas fazendas era muito simples e, assim como naquelas mineiras, os móveis e objetos das casas rurais eram escassos, existindo apenas o mínimo e estritamente necessário ao rude cotidiano: oratórios com suas imagens, poucas mesas, bancos, tamboretas, caixas, camas ou catres, tachos de cobre, panelas de ferro, pratos de estanho, gamelas, raros copos de vidro, entre outros exíguos objetos. Raros são os inventários em que aparecem livros ou instrumentos musicais, o que demonstra que todo o cotidiano era voltado ao trabalho e à sua boa manutenção. O lazer restringia-se às conversas, uma ou outra visita a fazendas vizinhas e às vilas próximas para uma missa ou uma festa religiosa...

Todas essas fazendas tiveram como atividade principal, em sua origem, a pecuária extensiva. No entanto, com a chegada da cafeicultura, acabaram se tornando, também, grandes produtoras de café: quase sempre, as construções dedicadas ao beneficiamento do café, dentro dessas fazendas, encontram-se ligeiramente afastadas das edificações originais, formando um núcleo à parte, pelas necessidades específicas de abastecimento de água, de grandes áreas livres para a construção do terreiro, etc.

As tradicionais técnicas construtivas e tipologias trazidas pelos “entrantes”, foram amplamente difundidas por toda a região do Sertão do Rio Pardo, e continuaram sendo muito usadas, mesmo adentrado o século XX, principalmente em fazendas menores ou em construções mais simples. Além disso, as fortes marcas impregnadas nesses mais de duzentos anos de ocupação em aspectos do cotidiano, como culinária, religiosidade, modo de falar, etc., fazem dela a mais mineira das regiões paulistas.

#### *REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

ALINCOURT, L. D'. *Memória Sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*. Belo Horizonte: Itatiaia; S. Paulo: Edusp, 1975.

BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R (org.). *Na Estrada do Anhanguera. Uma visão regional da história paulista*. S. Paulo: Ceru/Humanitas, 1999.

BRIOSCHI, L. R. et alii. *Entrantes no Sertão do Rio Pardo. O Povoamento da Freguesia de Batatais - Séculos XVIII e XIX*. S. Paulo: Ceru, 1991.

CRUZ, C. F. *Fazendas do Sul de Minas Gerais. Arquitetura Rural nos*

*séculos XVIII e XIX*. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010.

FERREZ, G. *O Brasil do Primeiro Reinado Visto pelo Botânico John Burchell*. Rio de Janeiro: Fund. João Moreira Salles / Pró-Memória, 1981.

FREITAS, D. C. A. de. "Arquitetura rural no nordeste paulista: influências mineiras. 1800 - 1874". S. Paulo: ESP/USP (dissertação de mestrado), 1986.

MARTINS, H. T. *Sedes de Fazendas Mineiras*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1998.

MARTINS, T. *Fazenda Boa Esperança - Belo Vale*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2007.

RODRIGUES, J. W. "A casa de moradia no Brasil antigo". In: *Arquitetura Civil I*, São Paulo: FAU-USP - MEC-IPHAN, 1975.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

VASCONCELLOS, S. de. *Arquitetura no Brasil - Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte: UFMG, 1979.